

Orígenes:

A Tradição Apostólica como critério de fé

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato
Grosso.

Introdução

Orígenes nasceu no Egito, em Alexandria, pelo ano 185 da nossa era. Leônidas, seu pai, antes de morrer pela fé, educou-o e colocou-o na escola de Alexandria, onde Clemente lecionava. Com a morte do pai, o jovem Orígenes passou a sustentar a família *lecionando*. Na verdade, os bens dela haviam sido confiscados durante uma perseguição aos cristãos na região. Com a fuga de Clemente, também por causa da perseguição, Orígenes passou a ser o diretor da escola catequética, nomeado pelo Bispo Demétrio. Conta-se que o seu zelo de guardar a fé foi tão grande que, num gesto de destempero, castrou-se para não pecar contra a castidade. Discípulo do fundador da escola neoplatônica, Amônio de Sacas, que havia sido também mestre de Plotino, a partir do ano 218, começou a escrever e a dedicar-se exclusivamente à Teologia. Tornou-se sacerdote, tendo sido ordenado durante uma viagem que fizera à Palestina. Porém, Demétrio, Bispo de Alexandria, revogou a sua ordenação, pois Orígenes era eunuco. Nosso filósofo foi para Cesaréia, onde fundou uma nova escola e uma biblioteca. Tornou-se conhecido em todo o mundo antigo, sobretudo porque nos anos de magistério havia-se revelado um grande professor, que sabia cativar os seus alunos. Não cobrava para dar aulas, nem tinha outra intenção senão inflamar nos seus alunos o amor pela verdade e pelo cristianismo. Na perseguição de Décio, veio a falecer, vítima de muitas torturas. Tinha 70 anos quando morreu em Tiro.

Embora o seu método o tenha levado a inúmeros erros, devemos reconhecer em Orígenes, além de cristão convicto, um herói da fé. Antes de Agostinho, ninguém foi tão importante para a sistematização da doutrina cristã quanto ele. Segundo B. Altaner e A. Stuiber, Orígenes foi o maior sábio da antiguidade cristã. De acordo com Cayré, a obra mais

importante de Orígenes, o *De Principiis*, já pode ser considerada uma espécie de *suma* aos moldes daquelas que teremos na escolástica. Conquanto não usasse a fórmula, a sua intenção não é outra senão a que foi expressa por Anselmo de Cantuária, séculos depois: *fides quaerens intellectum*. Entre os primeiros teólogos da Igreja, nenhum teve a obra mais exposta a controvérsias do que Orígenes.

No presente artigo, contemplaremos as concepções de Orígenes concernentes ao modo como pretendeu organizar a teologia a partir da Tradição. Mostraremos como ele divide as verdades de fé em verdades universalmente aceitas como certas e verdades que ainda encontram opositores no seio da própria Igreja cristã. Para estabelecer quais delas pertencem, de fato, ao corpo da Revelação, Orígenes propõe investigar, no bojo da *pregação eclesiástica* – que perdura intacta através de uma *ordem de sucessão* –, as que remontam à *Tradição Apostólica*. Em seguida, esforçar-nos-emos por tornar evidente o “método” de exegese que Orígenes propõe à outra fonte da Revelação, a saber, à Bíblia. Ele proporá, no que tange a esta, que se admitam, para os seus textos, dois sentidos: o *literal* e o *alegórico*, sendo que este último ele subdividirá em *psíquico* e *pneumático*. Tentaremos abordar a sua visão atinente à filosofia. Como ele aplica a esta o mesmo *critério de seleção* que ele cunhou no âmbito da teologia, criando, desta feita, no bojo da filosofia, uma espécie de cânon para os filósofos, no sentido de distinguir entre eles aqueles que podem ser parcialmente frequentados pelos cristãos e aqueles que os cristãos devem rejeitar inteiramente. Por fim, passaremos às considerações.

Passemos a considerar as relações estabelecidas pelo nosso filósofo entre fé e tradição.

1. Teólogo e sistemático: Fé e Tradição

Orígenes foi o primeiro grande teólogo cristão. Coube a ele construir um “método”, que consistiu em fixar, num *corpo organizado* de *doutrina*, a *teologia cristã*.¹ O que o motivou nesta empresa de fôlego, foi a nítida percepção de que, mesmo entre os que creem em Cristo, há desacordos, inclusive em temas fundamentais.² Ora, Orígenes via nestes

¹ BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 53: “Com a ajuda da especulação, Orígenes propõe-se a coordenar, os elementos seguros da tradição, num sistema doutrinário cristão.”

desacordos uma contradição, pois estava certo de que a verdade, que é una e na qual não pode haver contradição, pertencia, por direito, aos cristãos.³

Agora bem, para dar conta desta indústria, Orígenes começou por *distinguir duas ordens de verdades*: aquelas que devem ser universalmente aceitas por todos os cristãos como certas⁴ e aquelas que continuam incertas e nas quais se encontra ainda espaço para a especulação, como, por exemplo, a questão problemática da *origem da alma* e seus desdobramentos.⁵ Ora, o critério para sabermos se uma verdade é absolutamente certa, isto é, provinda da revelação divina, reside no fato de esta verdade ser ou não oriunda da *Tradição Apostólica*. E o critério para conseguirmos discernir se uma verdade procede ou não da própria *Tradição* é: a *pregação da Igreja* que, consignada na *tradição eclesiástica*, perdura segundo uma *ordem de sucessão*, que provém dos Apóstolos.⁶

Algumas das verdades que Orígenes enumera como sendo procedentes da *pregação apostólica*, são: há um só Deus que criou todas as coisas a partir do nada e as ordenou; a alma é uma substância de virtude vital própria que, ao deixar este mundo, deve esperar ser recompensada ou castigada por Deus segundo as suas obras: com a vida eterna, se praticou o bem, ou com o opróbrio eterno, se praticou a iniquidade; a alma possui livre-arbítrio para escolher o seu próprio destino; o mundo, por ter sido criado, teve o seu começo no tempo e será destruído devido a sua corrupção, por ocasião da renovação de todas as coisas; as Divinas Escrituras possuem, além do *sentido literal e histórico*, um *sentido espiritual*.⁷ Quanto às

² ORÍGENES. **De Principiis: Prólogo e Livro IV**. Disponível em: << <http://www.accio.com.br/Nazare/1946/orprin0.htm>>>. Acesso em: 12/12/2005: "(...) muitos daqueles que declaram crer em Cristo discordam entre si não apenas em coisas pequenas e mínimas como também em grandes e máximas."

³ *Idem. Ibidem*: "Embora haja muitos entre gregos e bárbaros que afirmem possuir a verdade, depois que acreditamos que Cristo é o Filho de Deus, deixamos de procurá-la entre aqueles que a sustentam por meio de falsas opiniões, por nos termos persuadido que é do próprio Cristo que a devemos aprender."

⁴ *Idem. Ibidem*: "Importa também saber que os santos apóstolos, ao pregar a fé de Cristo, creram que algumas coisas fossem necessárias para todos, mesmo para os que parecessem os mais preguiçosos para com a investigação da ciência divina."

⁵ *Idem. Ibidem*: "Se a alma, porém, no-la é transmitida pelo sêmen, de tal modo que sua razão ou substância esteja contida no próprio sêmen corporal, ou se tenha algum outro início, e se este início é gerado ou não gerado, ou se é posto no corpo desde fora ou não, nenhuma destas coisas é possível ser distinguida como suficientemente manifesta pela pregação."

⁶ *Idem. Ibidem*: "Já que muitos, porém, são os que consideram serem de Cristo e que, apesar disto, entre eles mesmos há quem pense diversamente dos que os antecederam, devemos observar a pregação da Igreja que nos foi transmitida pela ordem de sucessão desde os Apóstolos e que nela permanece até hoje, somente crendo naquela verdade que em nada discorde da tradição eclesiástica e apostólica."

⁷ ORÍGENES. **De Principiis**. I. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. pp. 76 e 77: "Eis a essência do que nos foi transmitido claramente pela pregação apostólica. Primeiro, há um Deus que tudo criou e ordenou e, a partir do nada, deu existência a todas as coisas. Segundo: a alma possui ser e vida próprios, e ao deixar este mundo será recompensada consoante os seus méritos: ou receberá por herança a vida eterna e a bem-aventurança, se os seus atos o mereceram, ou será entregue aos suplícios do fogo eterno, no caso de se haver transviado pela culpa dos seus crimes. (...) Também consta da pregação apostólica da Igreja que toda alma

verdades que continuam ainda incertas, podemos destacar, dentre outras: a origem da alma, visto que não se sabe se ela procede do sêmen ou se tem outra origem e se esta outra origem se dá ou não por geração; tampouco se sabe se a alma é infundida no corpo ou não; enfim, se este mundo foi o primeiro de modo que não tenha sido precedido por nenhum outro mundo.⁸

Passemos à análise do “método” de interpretação da Bíblia proposto por Orígenes.

2. O nascimento da “ciência bíblica”: o sentido alegórico

Ora, a fonte primeira da Revelação é a Sagrada Escritura. Agora bem, como organizar uma teologia, se as próprias Escrituras, das quais ela provém, não possuem uma doutrina organicamente exposta? É preciso – assevera Orígenes –, ater-se a um “método” que possibilite extrair das Sagradas Letras uma *doutrina cristã coesa*. Este “método” consiste, em suas linhas gerais, em admitir que o texto sagrado não comporta somente um *sentido literal e histórico*, mas também um *sentido alegórico* que não se pode ignorar. É ele que, quando aplicado aos *textos dúbios* das Escrituras, faz-nos organizar, de forma *sistemática e coerente*, a imensa *diversidade literária e doutrinária* dos textos sagrados.⁹

racional dispõe de livre arbítrio e vontade (...).” BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 52: “Para Orígenes, os elementos seguros da tradição apostólica são, entre outros: Há um só Deus que criou e ordenou todas as coisas; (...). A alma é uma substância dotada de um princípio vital próprio; ao deixar este mundo ela é recompensada com a vida eterna ou relegada ao fogo eterno, de acordo com seus méritos ou culpas. A alma racional é dotada de livre arbítrio; é ela própria que decide do seu destino em meio à luta contra os poderes adversos; a influência dos astros, neste ponto, é nula. O mundo foi criado, e, por conseguinte, teve um começo temporal; tornará a ser destruído em vista de sua corrupção. A Sagrada Escritura, inspirada por Deus, comporta um sentido espiritual além do sentido literal.”

⁸ ORÍGENES. **De Principiis**. I. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 77: No que diz respeito à nossa alma, a pregação não nos faz ver distintamente se ela deriva de um tanchão seminal – o que significaria que a sua essência ou substância inere à própria semente corporal, – ou se tem outra origem; nem se esta é, por sua vez, incausada; tão pouco se declara com certeza se é infundida no corpo ou não. (...) Quanto ao que houve antes deste mundo, e ao que haverá depois dele, disto a maioria não possui qualquer noção clara. Pois a pregação apostólica não nos esclarece a este respeito. BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. pp. 52 e 53: “Os elementos indecisos e duvidosos da tradição apostólica são, entre outros: Ainda não se decidiu com segurança se a alma se origina do sêmen dos progenitores, ou se tem alguma outra origem. Se for este caso, ainda não consta com certeza se ela se origina por geração ou não, nem se advém ao corpo de fora ou não. Embora o mundo tenha um começo e um fim, permanece indeciso se não foi precedido por outro, ou se não será seguido de algum outro mundo.”

⁹ *Idem. Ibidem*. p. 53: “Dado, porém, que a especulação precisa basear-se na Revelação, isto é, na Escritura Sagrada, pergunta-se: como derivar desta um corpo de doutrinas sistematicamente organizado? A Escritura não é uma obra sistemática; propõe suas doutrinas sob as mais diversas formas literárias, das quais é preciso extraí-las. Muito característico de Orígenes e de sua escola é o emprego da explicação alegórica (...)”.

Urge admitir *interpretação alegórica*, porque diversos trechos escriturísticos, em seu *sentido literal*, são simplesmente inaceitáveis. Outrossim, tal interpretação é autorizada pela própria Tradição que, por sua vez, é a expressão da própria vontade de Deus.¹⁰ É impossível, por exemplo, conceber que Deus se tenha revestido de formas corporais ou que tenha plantado um jardim no paraíso com as suas próprias mãos; como aceitar que uma criança deva ser sacrificada por não ter sido circuncidada no oitavo dia por culpa dos seus pais? Como entender que tenham existido dias, antes da criação do sol? Como devemos entender que Caim tenha conseguido fugir da face do Senhor?¹¹ Com efeito, estas e outras verdades manifestam que aquele que lê o texto sagrado não se deve prender à sua *letra*, mas sim buscar o seu *espírito*. Aliás, a insuficiência e a obscuridade de certas passagens nada mais são do que um *recurso literário* que nos convida a ultrapassarmos a *interpretação literal*: “A despreziosidade da letra nos conduz à preciosidade da compreensão espiritual”¹².

Passemos a considerar a hierarquia entre os cristãos que, na concepção de Orígenes, este modo de ler a Bíblia estabelece.

3. A hierarquia entre os cristãos procede do seu conhecimento

Agora bem, o *sentido alegórico*, por seu lado, divide-se em dois tipos: o *sentido psíquico* e o *sentido pneumático*.¹³ Com efeito, os três sentidos do texto sagrado correspondem às três partes constitutivas do homem: ao *corpo*, à *alma* e ao *espírito*. Estas partes constitutivas do homem, por seu turno, equivalem, respectivamente: ao sentido

¹⁰ ORÍGENES. **De Principis Prólogo e Livro IV**. Disponível em: <<<http://www.accio.com.br/Nazare/1946/or-prin0.htm>>>. Acesso em: 12/12/2005: “Finalmente, também, que as Sagradas Escrituras foram escritas pelo Espírito de Deus e que possuem um sentido que não é apenas o manifesto, mas também um outro oculto para muitos. As coisas que foram escritas, de fato, são formas de certos mistérios e imagens das coisas divinas. A este respeito há uma só sentença em toda a Igreja, que toda a lei é espiritual e que as coisas que a lei espiritualiza não são conhecidas por todos, mas apenas por aqueles aos quais a graça do Espírito Santo é concedida na palavra de sabedoria e de ciência.”

¹¹ BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 53: “Porventura não é absurdo imaginar Deus revestido de formas corporais, ou representá-lo a plantar o paraíso com suas próprias mãos? Não é igualmente absurdo que uma criança não circuncidada no oitavo dia deva ser exterminada, já que esta omissão deve ser imputada a seus pais, e não a ela? (...) E ainda, como poderia ter havido um dia antes da criação do sol? De que maneira podia Caim fugir da face do Senhor?”

¹² ORÍGENES. **In Num.** XII, 1; 93, 22s. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 54.

¹³ BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 54: “Pela divisão do sentido alegórico em sentido psíquico e pneumático (este último é o sentido mais profundo ou místico), Orígenes obtém três sentidos diversos da Sagrada Escritura.”

histórico, moral e espiritual do texto bíblico. De sorte que o *sentido literal* corresponde ao sentido *histórico* do texto; o *psíquico*, ao *moral*; o *espiritual*, ao *místico*.¹⁴ Ora, os cristãos mais simples, porque mais próximos das *coisas sensíveis*, atêm-se ao *sentido literal*; já os crentes mais avançados, alcançam o *sentido psíquico*; os fiéis perfeitos saboreiam o *sentido pneumático* do texto sagrado.¹⁵ Gilson encerra esta hierarquia entre os cristãos discriminada por Orígenes, numa fórmula assaz precisa: “Todos os cristãos crêem, pois, nas mesmas coisas, mas não da mesma maneira”¹⁶.

Passemos às considerações pertinentes a visão que Orígenes tinha da filosofia e dos filósofos.

4. Orígenes e a filosofia

4.1. O eclecismo em filosofia

Orígenes, tal como Clemente e a exemplo de seu mestre Amônio, assumiu uma postura eclética ante a filosofia grega. Tendo sempre a fé como *critério de seleção*, ele sabia distinguir dentre as doutrinas dos autores profanos, aquelas que se coadunavam com a sua fé.¹⁷ Tinha Platão no rol dos seus melhores amigos e Epicuro como o seu pior inimigo; na ética, seguia os pitagóricos e mais ainda os estóicos.¹⁸ Ensinava os seus alunos a não deixarem de ser assíduos aos filósofos gregos, só deixando de lado os ateus. Ele próprio nunca se permitiu distorcer ou renegar aquilo que, de acordo com a verdade, disseram os filósofos pagãos.¹⁹

¹⁴ *Idem. Ibidem*: “Estes (os três sentidos acima aduzidos) podem relacionar-se às três partes constitutivas do homem: ao corpo, à alma e ao espírito; estas, por sua vez, relacionam-se com a verdade histórica, moral e mística das Escrituras.” (O parêntese é nosso).

¹⁵ *Idem. Ibidem*: “E, finalmente, os graus de perfeição permitem classificar os cristãos, respectivamente, em cristãos simples, avançados e perfeitos.”

¹⁶ GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 51.

¹⁷ BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 55: “Em filosofia foi um eclético, a exemplo de Amônio, seu mestre; ou, antes, um cristão que, na base de um princípio de seleção, - a fé, - eruiu da filosofia grega os elementos que julgava aproveitáveis para a elaboração do seu sistema cristão.”

¹⁸ *Idem. Ibidem*: “Platão foi seu melhor amigo, e Epicuro seu maior inimigo. Na ética, segue muitas vezes os pitagóricos, e com maior freqüência, os estóicos.”

4. 2. Crítica aos filósofos

Ora bem, conquanto tivesse certa estima pelos pensadores pagãos naquilo que disseram da verdade, Orígenes guardava reservas quanto a vários aspectos das suas doutrinas; cumpre dizer que o nosso filósofo não tinha um saldo favorável a respeito dos seus ancestrais profanos. Por exemplo, quando Celso levanta a objeção de que os cristãos haviam escolhido um falso médico, Cristo, em detrimento dos verdadeiros, os filósofos, Orígenes colige severas críticas a algumas doutrinas destes últimos, sempre as contrapondo à verdade cristã. De fato, quem seriam os verdadeiros médicos? Os epicuristas, que negam a Providência e exaltam os prazeres da carne como bens supremos? Porventura não é mais digno aquele que aconselha abster-se das enfermidades causadas pelos prazeres corporais? Ou são os peripatéticos os verdadeiros médicos, já que ensinam que o mundo não é governado por Deus e que Este é alheio à sorte dos homens? Não será mais de acordo com a caridade pensar num Deus que vem em socorro daqueles que se deixaram ferir pelo pecado? Que dizer então, pois, dos estóicos, que afirmam ser Deus um corpo corruptível? Na verdade, são eles que precisam – ainda que por nossas mãos –, ser reconduzidos ao Criador. Por fim, os próprios platônicos também não parecem em condições de a ninguém curar. O que pensar, por exemplo, da doutrina da transmigração das almas? Com efeito, é bem mais de acordo com a verdade pensar que, uma vez terminada esta vida, seremos julgados conforme as nossas obras.²⁰

¹⁹ *Idem. Ibidem*: “(...) Orígenes costumava admoestar seus alunos a estudarem todos os filósofos gregos, com a exceção dos ateus. E, no tocante à sua própria pessoa, Orígenes declara que jamais se permitia torcer qualquer doutrina verdadeira dos filósofos gregos.”

²⁰ ORÍGENES. *Contra Celso*. 2ª ed. Trad. Orlando Reis. São Paulo: Paulus, 2004. III, 75: “E acrescenta (Celso): Quem ensina a doutrina cristã se parece com quem promete a cura dos corpos dissuadindo as pessoas de consultar os médicos competentes, temendo ser convencido por eles de sua ignorância. Revidamos: quais são, na tua opinião, os médicos dos quais desviamos as pessoas simples? Certamente não admities que nossa exortação a abraçar a doutrina se dirija aos filósofos por acreditar que eles sejam os médicos dos quais dissuadimos os que chamamos à doutrina divina? Assim, ou ele não responde, incapaz de designar os médicos em questão, ou deve limitar-se aos simples que também celebram servilmente o culto dos múltiplos deuses e repetem todos os seus erros vulgares. Dessa forma, nos dois casos, será convencido de ter evocado inutilmente aquele que dissuade os pacientes dos médicos competentes. E se desviássemos da filosofia de Epicuro e de seus adeptos os pretensos médicos epicureus, vítimas de seus embustes! Não seria acaso um ato muito sensato afastá-los de grave doença inoculada pelos médicos de Celso que leva a negar a Providência e a apresentar o prazer como o bem? Suponhamos que afastemos dos outros médicos filósofos aqueles que nós atraímos à nossa doutrina: peripatéticos, por exemplo, que negam a Providência que cuida de nós e a relação entre os homens e Deus; não seria de nossa parte ato de piedade preparar e curar os que atraímos, persuadindo-os a se consagrarem ao Deus supremo, e libertando das feridas profundas causadas pelas doutrinas dos pretensos filósofos os que tivermos persuadido? E mais, digamos que desviemos outros dos médicos estóicos, que apresentam um deus corruptível, dão-lhe essência corporal, capaz de mudança integral, de alteração, de transformação, e pensam que um dia tudo deverá acabar e Deus subsistirá sozinho; como não desviar de doutrinas tão perniciosas os que acreditam em nós, e não os conduzir à piedosa doutrina que lhes ensina a adoração do Criador, o espanto diante do autor do dogma

De maneira que o anátema paulino, que Clemente restringia somente a Epicuro, Orígenes o estende a todos os filósofos. Nem mesmo Sócrates e Platão são incensuráveis. Embora tenham alcançado, pela agudeza de suas inteligências, algo da natureza de Deus, no entanto – mesmo professando doutrina tão profunda –, continuavam prestando culto a Ártemis, no Pireu. Sócrates, por exemplo, apesar de toda a sua sabedoria e de haver alcançado as coisas divinas, ainda sim mandara sacrificar um galo a Esculápio. Donde estes filósofos, inobstante tenham adquirido conhecimentos profundos, preferiam o templo dos deuses ao culto do Deus verdadeiro.²¹ Ademais, os filósofos não conseguiram levar os seus discípulos a viverem de acordo com a sabedoria que ensinavam. Com a única exceção de Fédon e Polêmon, que se converteram a uma vida honrada pela persuasão dos ensinamentos de Sócrates, os demais continuaram a viver dissolutamente.²² Daí o discurso dos filósofos se mostrar, deveras, insuficiente. Donde Orígenes tornar-se adepto convicto daquela tradição que remetia a fontes judaicas as doutrinas acertadas de Platão:

Para mim, não tenho dúvida, Platão escreveu máximas de Fedro depois de as ter aprendido de certos autores hebreus ou mesmo, como se disse, depois de ter lido os discursos proféticos (...).²³

Passemos às considerações finais do texto.

dos cristãos, que, em seu amor extremo pelos homens, realiza sua conversão e cuidou de divulgar suas instruções para as almas em todo o gênero humano? (...).”

²¹ *Idem. Ibidem.* VI, 4: “Mas os que escreveram tão bem sobre o soberano bem descem ao Pireu para orarem a Ártemis como uma deusa, e ver a festa pública celebrada pelos simples. Depois de ter ensinado esta profunda filosofia sobre a alma e descrito detalhadamente o estado futuro daquela cuja vida foi virtuosa, eles abandonam estas idéias sublimes que Deus lhes manifestou para pensar em coisas vulgares e baixas e sacrificar um galo a Asclépio. Eles tinham imaginado as obras invisíveis de Deus e as idéias a partir da criação do mundo e das coisas sensíveis, das quais eles se tinham elevado às realidades inteligíveis: tinham visto, não sem nobreza, seu eterno poder e divindade; todavia, perderam o sentido em seus raciocínios, e seu coração insensato se arrasta por assim dizer na ignorância a respeito do culto ao verdadeiro Deus.”

²² *Idem. Ibidem.* I, 64: “E entre os gregos, somente Fédon – não sei se houve segundo – e unicamente Polêmon passaram de uma vida de devassidão desenfreada à prática da filosofia.”

²³ *Idem. Ibidem.* VI, 19.

Conclusão

A Orígenes era mister reunir, num *corpo organizado de doutrina*, as verdades cristãs. A fim de realizar tal projeto, ele dividiu as verdades cristãs em dois grupos: aquelas que se tem por certo terem sido reveladas por Deus e aquelas que ainda se discute se foram objeto ou não da *revelação divina*. Ora, o *critério* para distinguir o que é de revelação divina é a *Tradição Apostólica*. Por outro lado, o critério para discernir o que pertence ou não à Tradição é a *pregação eclesiástica*, enquanto esta nos remete, por uma *ordem de sucessão*, aos apóstolos e varões apostólicos.

No entanto, a primeira fonte da revelação divina é a Bíblia. Urge, desta feita, descobrir, na Bíblia, o *dado revelado*. Ora, isto exige que a interpretemos com correção. Para tal propósito, cumpre admitir que a Bíblia comporta ao menos dois sentidos: o *literal* e o *alegórico*. Agora bem, o sentido alegórico subdivide-se em dois: o *psíquico* e o *pneumático*. A rigor, portanto, três são os sentidos que a Bíblia comporta: o *literal*, o *psíquico* e o *pneumático*. Estes correspondem, por *analogia*, às três partes constitutivas da natureza humana: o *corpo*, a *alma* e o *espírito*. O sentido histórico refere-se ao corpo; o psíquico, à alma; o pneumático, ao espírito. Os crentes mais simples ater-se-ão ao sentido histórico; os que se encontram mais livres em relação aos bens sensíveis, ao psíquico; enfim, os que já conseguiram desvencilhar-se ainda mais dos bens perecíveis apreenderão o sentido espiritual da Bíblia.

Quanto à filosofia, cuidou Orígenes impor a ela a mesma sorte de seleção que adotou para a teologia: aqueles filósofos que adotaram ideias consoantes a fé, deveriam ser acolhidos, os que defenderam doutrinas que não se coadunam com a fé, deveriam ser postos de lado. Importa salientar que, na concepção de Orígenes, no que respeita aos filósofos, nenhum deles esteve isento de erros. Desta sorte, nenhum deles merece a nossa irrestrita aprovação.

BIBLIOGRAFIA

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7^a ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. pp. 48 a 78.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. pp. 49 a 56.

ORÍGENES. **Contra Celso**. 2^a ed. Trad. Orlando Reis. São Paulo: PAULUS, 2004.

_____. **De Principis Prólogo e Livro IV**. Disponível em: <<<http://www.accio.com.br/Nazare/1946/or-prin0.htm>>>. Acesso em: 12/12/2005.

_____. _____. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7^a ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **In Num**. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7^a ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000.